

COMÉRCIO DA AJUDA



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO DA CONCEIÇÃO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
CALÇADA DA AJUDA, 176 - LISBOA

O nosso prezado colega «Ecos de Belém» referiu-se com palavras muito amáveis ao aniversário do nosso jornal. Por tal motivo, apresentamos ao grande defensor da freguesia de Belém, os nossos maiores agradecimentos.

UM leitor que se assigna L. F. J., escreve-nos uma carta pedindo-nos para chamar a atenção das autoridades policiais, no sentido de ser destacado um guarda para junto do chafariz da Rua dos Quarteis, visto que a garotada já conseguiu arrancar uma das chapas de ferro que ficam à frente das travessas onde se põem as bilhas para encher.

Até mesmo a torneira e a taça onde os animais bebem, se encontram volta e meia escangalhadas.

Com a permanência dum agente da autoridade, tais casos deixam de se verificar e a Câmara evitará as despesas do concêito, que quasi são permanentes.

A COMPANHADO de sua Ex.^{ma} esposa e gentis filhinhas, partiu no passado domingo em comissão de serviço para os Açores, e o nosso prezado amigo e colaborador, Sr. António Maria Ribeiro, oficial da nossa Armada.

Muitas pessoas de amizade acorreram ao cais a despedir-se do nosso amigo e família, a quem desejamos sinceramente, feliz viagem e que o tempo passe depressa, para que regressem ao nosso convívio.

NOVAMENTE voltamos a pedir à Câmara Municipal para que mande com urgência consertar os pavimentos de várias ruas da nossa freguesia, de entre elas, as Ruas das Mercês, do Meio, Laranjal, etc., que se encontram em mísero estado.

ENTROU em franca convalescência da grave doença que o reteve no leito, o nosso prezado e velho amigo Fernando Duarte, a quem por tal motivo abraçamos.

BOM EXEMPLO

Três anos decorreram já desde que foi lançada a ideia de publicar-se na Ajuda um jornal que fôsse o portavoz das aspirações de quantos aqui residem e o acérrimo defensor dos interesses e necessidades da freguesia.

Três anos! período curto no decorrer dos tempos, mas demasiado longo, quando cortado de incertezas e consumido em lutas e trabalhos que esgotam a paciência e entibiam a coragem.

Quando, porém, chegou ao termo desse período constatamos que da luta obtivemos a vitória e que o esforço dispendido frutificou; quando olhamos para o tempo passado, e não descobrimos no nosso proceder nódoa a encobrir, transigência que rebaixe, desfalecimento que envergonhe, sentimos a alma transbordante de alegria, e, orgulhosos da obra produzida, erguemos a frente com desassombro, ao passo que novas energias se acumulam no nosso espírito, alentando-o e fortalecendo-o.

Que nestas palavras ninguém veja cegueiras de vaidade! Demais reconhecemos a nossa inferioridade, pois não dispomos do saber e do talento, dons preciosos para os que tomam sobre os ombros o espinhoso encargo de dirigir e orientar um jornal. Mas com o amor votado a tudo quanto diz respeito á Ajuda, com o ardor e entusiasmo que em nós desperta o anseio de tornar cada vez maior, mais belo e progressivo este pedaço da nossa Lisboa querida, procuramos suprir o que nos escasseia em inteligência e qualidades literárias.

E a população da Ajuda tem compreendido e sabido aquilatar o nosso esforço e desinteresse. Acolheu com simpatia a iniciativa, dispensou-lhe o incentivo de que ela carecia para conseguir manter-se, e mostra bem, no carinho com que acolhe os números do humilde quinzenário, que ama entranhadamente o jornalzinho que, se o não deleita pela leitura, lhe merece todavia especial consideração, por ser uma voz que bem alto clama, junto das entidades a quem isso compete, pelos melhoramentos e pela satisfação do que seja de justiça conceder á freguesia.

E quantas vezes, felizmente, temos tido o prazer de ver atendidas as reclamações inseridas nas nossas colunas!

Mas se esse facto constitue para nós motivo de íntima satisfação, maior é o contentamento que nos domina, quando, orgulhosos da honestidade dos processos empregados na orientação do *Comércio da Ajuda*, de maneira a conseguir o objectivo a que de inicio se propôs, vemos no alto apreço com que todos os habitantes da Ajuda nos honram, uma indiscutível prova de verdadeiro civismo, de dedicação e de amor por esta freguesia, votada durante largos anos ao abandono e esquecimento pelas entidades governativas.

Bem compensadas estão, pois, as nossas canseiras com o precioso e salutar exemplo oferecido por este bom e inteligente povo!

CHEGOU emfim o dia 1.º de Setembro e com ele, a abertura da caça. A nossa freguesia, é fértil em caçadores e alguns d'elles, podem ser considerados dos melhores.

Naquele dia, ainda madrugada alta, era ver as caravanas que da Ajuda partiram a caminho de lugares próprios, em busca de algumas peças de caça.

Assim, uma delas, constituída pelos nossos amigos Srs. Henrique Peters, José Gama, José Martelo, José Estrela e António Açç. abateram nesse dia, 29 perdizes, que para começo, foi um bom pronúncio.

Ainda um outro grupo de que faziam parte os Srs. Américo Alfredo Freire e Edmundo Alfredo Freire, fizeram farta colheita, visto que só o primeiro, abateu 27 perdizes, 1 lebre, 1 rôla e 1 cinzão. O segundo matou 6 perdizes.

A todos os nossos amigos caçadores, desejamos uma feliz época venatória.

NO Hospital de Santa Marta, acaba de ser operada com feliz exito pelo ilustre professor Ex.^{mo} Sr. Dr. Francisco Gentil, a Sr.^a D. Palmira Inglézias, sogra do nosso amigo Sr. José da Cunha Gama.

Fazemos votos por um rápido restabelecimento.

CONSTA-NOS que vão dentro em breve começar os trabalhos para a construção dum grande bairro operário nuns terrenos pertença do Estado e que ficam no alto da Ajuda. Esse melhoramento, só merecerá louvores por parte daqueles que não podem pagar rendas elevadas, pois segundo informação, os preços a estabelecer, serão muito deminutos, atendendo ao fim em vista.

MAIS um novo começa hoje a colaborar no nosso jornal. Ramiro Fariña, jovem artista gráfico, dotado duma cultura e inteligência muito apreciável, propõe-se publicar em todos os números uma crónica focando vários assuntos.

Ao novo colaborador, apresentamos os cumprimentos de boas vindas.

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

Rua das Casas de Trabalho, 177 a 183

LISBOA

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

DESPORTOS

Amanhã, no campo José M. Soares, despedida de Augusto Silva, jogando, às 15,30 horas, o Benfica contra o Sporting e às 17,30, o C. F. Belenenses contra o F. C. do Pôrto

Augusto Silva tem amanhã a justa homenagem ás suas qualidades de desportista, com um festival a que se associam o Sporting Club de Portugal, o Sport Lisboa e Benfica e o Football Club do Porto.

Não é o facto de Augusto Silva resolver deixar de jogar, que nos leva a traçar estas breves considerações, porque se de facto êle deixa de colaborar com a força dos seus músculos, para a defeza da bandeira do «Belenenses», os seus conselhos, a sua longa experiência de jogador, a sua própria personalidade, far-se-há sentir no lugar que actualmente ocupa adentro da direcção do popular club da cruz de Cristo.

Tanto jogador tem deixado de pizar os campos de jogos, desaparecendo, quasi que nem o público dá por isso.

Mas com Augusto Silva, o caso é diferente. O capitão dos Belenenses e do grupo nacional, o jogador que nós, todo o público, aprecia, é alguém, adentro do football português, porque eriou uma própria personalidade, não só pela sua correcção, como pelo reflexo das suas qualidades de jogador.

Nenhum desporto existe onde os «técnicos», os «sabões» pululem em tam grande número, como no popular jogo da bola.

E nas vésperas da realização de qualquer jogo internacional, quando êsses «técnicos» futuravam quem deveriam ser os jogadores seleccionados, só um jogador conseguia reunir os seus votos unânimes: Esse, era Augusto Silva.

E é talvez por se reconhecer que ainda não existe outro com as suas faculdades e visão, que o iguale na maneira pessoal de descongessionar o terreno, com um passe de profun-

didade levando o pânico ao campo adversário.

Quiz o acaso que ontem voltassemos a encontrar o popular jogador.

Augusto Silva a quem a doença de um filho estremeado trazia apreensivo, falou-nos da festa que em sua homenagem se vai realizar e disse-nos:

— Fiquei muito sensibilizado com as boas palavras que me dedicou no «Comércio da Ajuda», jornal que tanto prezo e onde conto inúmeros amigos. Agora quanto á minha festa, dir-lhe-ei que a vinda do F. C. do Pôrto, é ponto assente, trazendo todos os seus valores. Avelino Martins, cujos afazeres profissionais o impedem de prestar ao grupo campeão do norte a colaboração necessária, desloca-se igualmente a Lisboa, numa manifestação de solidariedade e de simpatia, que não é demais salientar.

Augusto Silva, que é pouco expansivo de falas, diz-nos ainda, que é provável que o jogo Benfica-Sporting seja arbitrado por Cândido de Oliveira, que acedeu a arbitrar, ou na sua falta ocasional e forçada, por Silvestre Rosmaninho.

O encontro Belenenses-Pôrto, será arbitrado por Jorge Vieira.

Fala-se de vários assuntos, de contrariedades, a que a boa vontade do Dr. Oliveira Duarte, tudo aplainou e á guisa de despedida, como surpresa, Augusto diz-nos:

— E' provável que jogue a avançado centro do meu grupo, Rui Cunha, da Academica de Coimbra. Não é de certeza. Tudo depende não da vontade do jogador, que acedem prontamente ao pedido feito, mas de assuntos que se relacionam com a sua vida particular.

Augusto Silva, o jogador interna-

cional admirado não só em Portugal, como no estrangeiro, o jogador a cujo esforço se devem tantas tardes de glória, resolveu deixar de jogar, quando ainda ha dias, num jogo com o Benfica demonstrou que possui faculdades e experiência suficientes, melhor do que alguns que já se julgam indispensáveis.

Pela primeira vez, na retirada de um jogador de football se organiza uma festa de homenagem.

Que o público, os próprios associados do Club que Augusto Silva tanto defendeu e glorificou, compreendam o significado dessa manifestação de saúde e emprestem com a sua comparencia, o brilhantismo necessário e indispensável, á festa de despedida daquele que foi um dos melhores de entre os melhores jogadores.

José Malheiro.

O XV aniversário do C. F. Belenenses

Comemorando a passagem do seu XV aniversário, efectuou este Club, no passado dia 2, um festival desportivo no seu campo atlético.

Para programa aproveitou os jogos de football Belenenses-Barreirense e Benfica-Sporting, para a taça «Inauguração», juntando-lhe uma partida de basket entre as equipas femeninas do Belenenses e do Benfica, e algumas provas de atletismo, com a colaboração de elementos dos dois sexos, do Club Internacional de Football.

Teve pouco brilhantismo, êste festival de aniversário, mercê da sua deficiente organização.

Merecia mais, e melhor, o C. F. «Os Belenenses».

A nota de maior interesse residio na participação das equipas femeninas, especialmente no jogo de basket, assistido por um público numeroso e correcto, que tributou fartos aplausos ás jogadoras.

Hoje, e ainda por motivo do aniversário, realiza o C. F. Belenenses, na sede do Belém-Club, um baile dedicado aos sócios e suas famílias.

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico — JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA — 4^{as} feiras ás 9 h
FRANCISCO SEIA — Quintas-feiras ás 10 horas

— Serviço nocturno ás segundas-feiras —

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telef. B. 456

O III aniversário de "O Comércio da Ajuda"

De alguns amigos recebemos, por motivo do aniversário do nosso jornal, as amáveis palavras que a seguir publicamos:

Hoje, como há um ano, associo-me gostosamente a prestar o meu modesto concurso, escrevendo algumas palavras para *O Comércio da Ajuda*, quinzenário defensor dos interesses da nossa freguesia, e que ao entrar no seu 4.º ano de publicidade já muito criteriosamente tem sabido pugnar pelos indispensáveis melhoramentos a que a freguesia tem incontestável direito.

Felicitando os seus dirigentes, faço votos para que continuem a merecer de todos os paroquianos os mais sinceros agradecimentos, pelo esforço, dedicação e tenacidade postos ao serviço de tam bela causa.

Professor Sousa Lopes.

Quando há um ano prometia colaborar no *Comércio da Ajuda*, confesso, que me convenci que a minha cota parte de esforço seria efêmera, isto é, de curta duração. Enganei-me. Arredado do treino jornalístico, o cerebro sujeito a certo repouso, pensava não poder satisfazer o compromisso tomado.

Mas o dispêndio de energia, a força de vontade e persistência do meu colega e amigo Alexandre Rosado, animava-me, incitava-me na colaboração quasi efectiva, o que para mim se impunha uma preocupação constante devido à indole do jornal.

Assim, como uma criança que principia a dar as primeiras passadas, sempre receosa de cair, eu procurava alinhar os assuntos a retroz, de maneira a não ferir susceptibilidades e dentro dos principios e concepções que me têm norteado pela vida fora.

E resumidamente termino este desabafo, augurando ao *Comércio da Ajuda* longa vida, mantendo a mesma linha de conduta e independência que tem sabido sustentar até hoje. Um abraço para todos de

Carlos José de Sousa.

Sr. Director — Quiz o Destino que eu viesse, embora por poucas horas, diariamente, habitar a freguesia da Ajuda, uma das mais populosas desta encantadora cidade de Lisboa, capital do nosso querido Portugal.

«O Comércio da Ajuda», quinzenário que acaba de comemorar o seu terceiro aniversário, é um acérrimo defensor do progresso da freguesia.

Leitor assíduo do jornal que V. brilhantemente dirige, venho felicitá-lo por mais um aniversário, que sinceramente desejo se repita por largos anos, seguindo sempre a orienta-

ção que V. lhe imprime, felicitações estas ampliadas ao corpo redactorial.

A missão da imprensa, quando a orienta a sinceridade e sem retaliações cumpre o seu dever, é uma das mais nobres profissões, que todos nós devemos respeitar.

«O Comércio da Ajuda» cumpre-a honestamente. Só tem uma política: pugnar pelo desenvolvimento da freguesia da Ajuda, onde ainda ha muito que fazer. Bem haja.

Como encarregado do Balneário do Bairro das Casas Económicas, é meu dever agradecer-lhe o interesse que o jornal tem tomado por este útil melhoramento, que, sem dúvida, veio beneficiar a numerosa população trabalhadora da freguesia.

Com os protestos da minha consideração, creia-me De V. etc.

Armindo Costa.

Salvé o *Comércio da Ajuda*, bem como o seu director, proprietários, redactores, colaboradores e anunciantes, pela sua firme persistencia, que revela um nobre exemplo, trabalhando em comum, em prol da freguesia da Ajuda.

Com um abraço,

João Eduardo Farinha.

A todos agradecemos a gentileza.

Instalações electricas

EXECUTA

Américo Heitor Dias

ELECTRICISTA

PEDIDOS á **Calçada da Ajuda, 167-169,**
Telef. B. 552, onde serão atendidos com
a máxima urgência

A SOCIAL DA AJUDA

DE

Fernandes & Nobre, L. da

FANQUEIRO, RETROZEIRO E MODAS

Especialidade em tecidos de algodão

SEMPRE NOVIDADES

VARIEDADE EM ROUPARIA BRANCA

para senhoras, homens e crianças

PREÇOS MÓDICOS

Esta casa, quando não possa vender qualquer artigo mais barato, acompanhará sempre os preços de qualquer outra congénere.

T. da Boa-Hora, 25-C — AJUDA

12 de Set.º 1931 ■ 12 de Set.º 1934

Ao iniciar o IV ano da sua publicação, o quinzenário «O Comércio da Ajuda», não podemos, não devemos nem queremos deixar de, como ajudense — aqui nados e creados — agradecer aos dois homens que o têm mantido, com sacrificio material e moral, só com o intuito de elevarem a terra em que exercem a sua actividade, bem como ao grande amigo, cuja direcção tem sido tão bem conduzida, com o fim de nunca ser deturpada a ideia inicial de defeza dos interesses da Ajuda, com galhardia e lealdade.

Se a estes são devidos os agradecimentos dos ajudenses, também aos anunciantes e colaboradores eles devem ser extensivos, mas, entre todos, seja-nos permitido curvarmo-nos muito respeitosamente perante o nosso grande amigo e tão illustre como modesto estilista, Ex.º Sr. Alfredo Gameiro, que durante os três anos decorridos nos tem recreado o espirito com os seus originaes, tanto do nosso agrado.

Cumprindo, como julgamos, o dever de em palavras singelas, apresentar os nossos agradecimentos, não julgamos descabido nestas linhas, chamar a atenção dos 27.000 habitantes da Ajuda, para o nosso jornal, cuja voz potente se faz ouvir em toda a parte, reclamando constantemente o que julga de interesse e a que tem direito uma grande população urbana, ordeira e trabalhadora, e, que por diversas razões, tem sido um pouco abandonada.

Tendo desde o primeiro numero deste quinzenário, focado alguns assuntos de grande interesse para todos, com uma persistencia parecida com a dos fundadores do nosso jornal, julgamo-nos no direito de dizer aos co-paroquianos:

Ajudenses, cerrai fileiras em torno de «O Comércio da Ajuda», lendo-o, dando-lhe apoio, colaboração e difundindo-o de forma a ele ser maior do que é.

Viriato P. A. Silva.

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

GERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas

Canalizações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalho, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Tapada, 47 a 53

Calçada da Ajuda, 212 a 216

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Largo 20 de Abril (Calvário), 1

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telef. Belem 553 (antiga Merceria Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Até menos a título de curiosidade fazel uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece.

NO ESPELHO DA VIDA

II

Após a hora salutar do banho presente-se como que um vago interregno no cenário vivido da praia. Ela perde um pouco da sua animação, da sua característica e da sua polieromia especial. Os barquitos que vogavam nas proximidades aguardam uma onda mais forte para os encalhar na areia, enquanto outros fundeiam ao largo, esperando a tarde para novas manobras.

Nota-se a debandada de alguns banhistas e de parte dos espectadores. E' a hora do almoço, do reconforto do estômago, porque o do corpo e do espirito já fora satisfeito segundo a vontade ou desejo de cada um. Mas este despoamento não é demorado nem muito sensível, porque a breve trecho a praia toma nova feição e modalidade, uma espécie de continuo vai-vem...

A praia tem condições para satisfazer todos os paladares. O seu aglomerado divide-se em grupos distintos. Surgem os alvites: Há os que se unem para um passeio de barco ou divagando pelo areal comentando a última festa do casino; os que preferem

o passatempo de uma apanha de lapas e mexilhão nos rochedos, ou ainda aqueles que recreiam a sua sensibilidade com assistir a uma pesca de tainha ou do safo, etc., e, finalmente, os que anseiam a hora do baile para desentorpeamento dos músculos e dos sentidos...

Todo aquele conjunto serve para tornar mais deliciosa a vida da praia. Cada qual tem a liberdade de escolher o que mais lhe agrada e apetece!

Os acordes maviosos da orquestra chegam á praia. Dos toldos vê-se um agitar de corpos, movimento instintivo do despertar do repouso. Colocam-se de lado a costura, os livros e os divertimentos.

A esplanada e o interior do casino principia a encher-se, disputam-se os lugares, arrumam-se as mesas e os criados servem refrigerantes. Iniciam-se os primeiros pares num tango milonga. Perpassa nos rostos dos espectadores uma sombra de alegria e satisfação...

As conversas têm um motivo, redobram de intensidade. A critica a um outro par provoca a miséria de espirito ou abundância de hipocrisia.

Numa mesa próxima estão sentadas duas jovens acompanhadas de sua mãe. Ambas são encantadoras. A mais nova de viva expressão, olhos cujo brilho atrai e seduz, ornamenta-a uma linda cabeleira loura, ondulada a primor, reça da outra irmã, de tez morena, cujo cabelo também ondulado, lhe dá imensa graça e frescura. Adivinha-se-lhe maneiras mais simples e desprentiosas, aspecto amoroso e sonhador.

Ao aproximarem-se delas dois cavalheiros seus conhecidos, sorriem. Um deles, novo ainda, é advogado, o outro, de mais idade, é engenheiro agrônomo.

O baile mantém-se com desusado entusiasmo. Um diálogo rápido e incisivo se estabelece:

— O doutor fica em Lisboa ou segue para a Africa? — interroga a mais nova das jovens.

— Com franqueza ainda não sei — retorquiu o advogado. — Gosto imenso desta vida de praia. E' bem diferente da do campo. Ali a neurastenia apodant-nos, o corpo entorpece, tornamos mole, inactivos.

Em voz baixa a mãe troca algumas palavras com o engenheiro agrônomo.

— Com o seu espirito perscrutador, insinuante e folgozão deve sentir-se feliz neste meio — disse a loura. — Há por onde escolher e de tentar... Já

Farmácia SOUSA

C. da Ajuda, 170
Telef. 329

Consultas

pelos Ex. mos Drs.

CARRILHO XAVIER

Partos, doenças das senhoras, Clínica geral

TODOS OS DIAS ás 15 horas

MEDNA DE SOUZA

CLÍNICA GINECOLÓGICA

Coração e pulmões Clínica geral

TODOS OS DIAS das 17 ás 19 h.

Serviço nocturno á quarta-feiras

MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

DE João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 — LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maíra)

pensou nisso doutor? Diga de sua justiça... ; Sempre é melhor do que a Africa!

Uma risada doce e moça rematara o gracejo.

— Sou da vossa opinião... Acho cedo ainda para me manifestar. Tenho sobre o assunto opiniões e critérios muito meus. Entendo que o casamento é como um bilhete de lotaria que raro saírem premiado. . . Habilitamo-nos com noventa e nove probabilidades contrárias!

— Não comparemos o enlace matrimonial com o jogo... — rematou a morena.

— Minha senhora — arriscou o engenheiro — falo com a maior tranqueza... Se enviuvasse não voltaria a casar-me... O casamento que muitos defendem e justificam para perpetuação da raça, é a prisão, o ergástulo da juventude, a privação da liberdade do ser humano. Depois a sujeição ás conveniências sociais... Eu s-i... o amor dos filhos, o r-manso do lar, junto da esposa adorada, é encantador e delicioso!...

— Ainda não tive ocasião para me arrepende — retorquiu a mãe. — Adoro meu marido, estimo meus filhos... Não me poupo a esforços para que no meu lar haja a alegria e o conforto tam necessário para cumprimento do caminho que tracei como esposa e mãe... A mulher tem um

papel importantissimo a desempenhar nasociedade como educadora da criança, que será o homem ou a mulher de amanhã!...

E como a estabelecer novo contacto, a mãe ripostou:

— O sr. engenheiro não tem motivo para ser um adversário do casamento... Uma questão de principios!...

— Mas minha querida senhora — interrompeu o advogado — e o que há de facto em vista no casamento senão a satisfação dum desejo, cuja finalidade a atingir é a procriação dos seres? E direi, muito sinceramente, que a união que fizer será de cabeça e não de coração!...

— Divagações, doutor... Proponcione-se o momento e verá...

— Saiba que defendo o casamento por escolha ou pura inclinação — declara a morena — e não por conveniências exteriores de toda a espécie, as quais na mor parte dos casos são o prólogo de desavenças entre os conjuges!... Conheço casos da vida particular que me dão razão para assim o afirmar. Também ouço dizer que a esposa não proporciona ao marido os atractivos que vai encontrar fora de casa...

A loura em defeza:

— Doutor, deve concordar que minha irmã tem razão. Quantas vezes satisfeita a paixão se experimenta uma

decepção estranha, admirando-nos que o objecto dos nossos sonhos só realize um prazer efémero, daí o desengano...

— Não convencido totalmente, reconheço efectivamente a razão das suas palavras.

— Fique ciente, doutor, a felicidade que almejamos deve estar sempre no futuro ou no passado, e o presente é como uma onda que o vento impelle, tornando-a forte, para se vir a dissipar na areia...

— Gostaria imenso de debater a tese mais amplamente... O momento não é propicio... Concede-me a honra deste tango?

Num relance o olhar espraia-se pelo mar, as ondas encapeladas vêm desfazer-se em rólidos espuma na praia... preságio talvez de muitas ilusões desfeitas que estejam architectando-se com o passo encandeiado da dansa!

O sol começa a declinar na sua rotina para o poente. O seu brilho ofusca-se, desaparece como a fraqueira do seu apogeu refulgente, e dirige-se qual judeu errante para outros países distantes, na sua faina de iluminar o orbe terráqueo sedento de luz e calor!

Carlos Inubia.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

DESDE muito nova, desde que começara a ouvir frases elogiosas que lhe dirigiam, quando passava na rua, sonhava sempre a linda costureirinha. Costurava sonhando, quando comia sonhava e, sonhando, lia.

SONHO DESFEITO

Por ANTONIO MARIA RIBEIRO

Dedicado ás gentis leitoras de "O Comercio da Ajuda"

ela sor bonita e ter bom coração, tal qual como ela. Portanto teria também o seu barão, o seu visconde, o seu morgado ou fosse lá quem fosse, que lhe proporcionaria o bem-estar que ambicionava! Era questão de tempo. Esperaria pois...

E ela já se supunha, em sonho, ser essa mulher amada, já se via dentro desse jardim, rodeada pelos criados, dando ordens ao seu chauffeur... Sim, porque ela sonhava ter um auto luxuoso que a levaria a casa das amigas, ao médico, á modista, e onde mais a sua soberana vontade lhe pedisse.

E porque não? Nada mais fácil, mais natural. Não era ela bonita? Pelo menos assim lhe tinham dito mais

que uma vez. O que lhe faltava pois? Um apaixonado? Um homem que lhe oferecesse tudo o que ela ambicionava? Oh! Ele havia de aparecer, certamente. Ela merecia-o, disse estava plenamente convencida. Portanto, ele viria certamente porque, no romance que estava lendo, dizia que um barão se apaixonara pela Graziela, ruda filha do seu próprio quinteiro, logo á primeira vez que a viu.

E dizia mais que a unica razão daquela paixão fora a sua beleza e o seu coração, tal qual como ela. Portanto teria também o seu barão, o seu visconde, o seu morgado ou fosse lá quem fosse, que lhe proporcionaria o bem-estar que ambicionava! Era questão de tempo. Esperaria pois...

E esperou, sonhando sempre... Os dias sucediam-se, os meses passavam, as eras aumentavam de 191... para 192... sem que o seu sonho se realizasse. Tinham-lhe parecido já alguns pretendentes, oferecendo-lhe a única riqueza que possuam: o coração. Mas o coração não era coisa que lhe fizesse assim grande arranjo para a satisfação do seu sonho; por isso recusara sempre com manifesto desdém. Preferia esperar o eleito da sua fantasia e esperar ainda.

Mas o sonho lindo que tivera ia, pouco a pouco, transformando-se em pesadelo. A ilusão ia passando com os anos que iam fugindo, e ela já tinha esperado tanto que chegou finalmente a aborrecer-se da agulha e da costura. E, caso estranho, já raramente chegavam aos seus convidados, aquellas frases lindas que os dandys costumavam dirigir-lhe e que a faziam rir e vaidada da sua beleza. Resolvera, por isso, não esperar mais. Aceitaria o coração do primeiro que lhe promettesse fazê-la feliz. Tinha tomado esta resolução exactamente no dia em que

pela primeira vez notara que alguns fios de prata se misturavam com os seus cabellos...

Acordara, finalmente, deseí lindo sonho! Um pouco estremunhada ainda, resolveu aceitar o coração e a modesta vida dum honrado operário que, desde há muito, a seguia jurando-lhe sempre a amava.

Pouco tempo depois o casamento effectou-se, indo viver, não no palácio do seu avô, mas numa humilde casinha, de pouco mais de cento e cinquenta de renda, tendo, como jardim, uma pequenissima varanda, como mobília uma simples cama de ferro, umas malas para roupa e alguns bancos de pilão que difficilmente se conservavam direitos, devido, por certo, á imperfeição do fabrico.

Era, efectivamente, muitenões do que tinha sonhado; mas também pouco lhe importava já. Teria pelo menos o suficiente para o pão de cada dia sem o martírio da agulha espicando-lhe os magros dedos...

A principio tudo decorreu serenamente. Mas o tempo corria veloz e com elle a influencia dos primeiros dias de casada. E demais, ainda se tivesse havido um pouco de amor naquêlles casamentos! Por parte d'elle, sim. Tinha casado porque gostava dela agradou-lhe e nunca aspirara mais.

Ela não! Ela casara simplesmente por arrimo, para ter alguém que a amparasse na vida. Mas não fora o que sonhara. Esse sonho desfiz-se... convertera-se no pesadelo da cruel realidade.

O homem que, apesar de obreiro, era o seu cestejo, vendo e sentindo o desamor dela, desdém com que era sempre tratado, reconhecendo que, embora a sua companheira fosse honesta e boa, o seu coração lhe pertencia e não lhe pertenceria nunca, acabou por entristecer e, se

não amaldiçoava o dia em que a conheceu, também d'elle não tinha saudades ou recordações.

Assim, viviam, quasi estranhos, debaixo do mesmo tecto, sem se odiarem mas também sem se estimarem, tolerando-se por necessidade, como se tolera um fato já coçado pelo uso, quando não possuímos outro melhor, ou um par de botas que nos magoa, sem estarem pragas ao sapateiro.

Há necessidades assim na existência... necessidades impostas pela hipértria sociedade!

Quantas vezes a costureirinha, aprez de ter já as suas 30 primaveras bem puxadas, pensava, de si para si, que fizera um péssimo casamento, pois podia ter casado muito melhor, com um homem mais rico, mais educado e mais bonito, que lhe soubesse despertar o coração... Este não era mau; não a maltratara nunca, sempre a respeitara, talvez até a amasse. Nunca lhe fizera passar fome; andava sempre limpa, embora não lhe podesse dar sedas e veludos. Era verdade, não podia negá-lo. Porém, nunca lhe soubera dizer palavras de apaixonado amor, como aquellas que o barão dizia á Graziela no tal romance que tinha lido e que não mais lhe esquecera. E ao recordar o seu lindo sonho de outrora, vinham-lhe á memória aquellas frases que viria no romance, numa carta do barão para a sua amada:

«Mulher. Casto anjo que minha alma embriagou! Deusa dos meus sonhos. Tu que ofuscas meus olhos com o brilho do teu olhar, dá-me o teu amor sem fim porque, sem êle, não posso viver...»

E os versos? Oh! que lindos! Dir-se-ia que foram escritos com o próprio sangue. Até sabias, de cor, os primeiros, que eram assim:

Graziela!

Nome tão belo, que ao proferi-lo Julgo até dizer uma prece.

E ficava a cismar na sua triste vida, ora remendando, ora tratando das refeições, ou lavando os pobres trapos de chita e riscado que substituíam os de sêla e veludo com que ela tinha sonhado.

Mas um dia — lá diz o dictado: não há bem que sempre dure... — um dia o seu homem entrou em casa mais triste do que era seu costume. Dissera estar doente e recolhera ao leito, onde ela o começou tratando, dando-lhe beberagens e cosimentos que as vizinhas lhe ensinavam. Os dias passavam, uns após outros, e o pobre não melhorava. No entanto, não se queixava, parecendo nem sofrer com a doença. Até quasi constantemente se lhe via um sorriso de duvidosa significação nos lábios descoloridos. Certo dia piorou de tal modo que a pobre mulher se viu obrigada a recorrer á ciência, porque, dizia ella, não queria ter remorsos, caso lhe succedesse alguma fatalidade.

Vestira-se e saíra. O médico morava um pouco longe. Demorara-se bastante e, ao chegar a casa, acompanhada pelo doutor, encontrara, simplesmente, o cadáver mirrado, de aquêlle pobre que tinha deixado este mundo com o

(Conclui na página 7)

Favorita Ajudense

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanfouco, Retrozeiro, Rouparia e Gravalaria

Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

Nova Padaria Taboense

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para serem as suas condições higienicas

R. das Mercês, 118 a 128 — SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz

TELEF. B. 656 — AJUDA — LISBOA

Antonio Duarte Resina

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade a preços rascaveis

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

Aos vinte anos

A gente moça ao atingir os vinte anos chega ao apogeu do sonho da vida.

Pensa, barafusta, discute calorosamente os seus hipotéticos pensamentos, interpreta os factos a seu modo, enfim, numa palavra: idealiza; e nem sequer olha, apenas um minuto, á sua volta, não repara seguramente na realidade das cousas.

A mocidade nesta idade sonha. E é neste transe que goza a vida com verdadeiro delírio e entusiasmo.

Com o cérebro ainda fresco das leituras de Darwin, Haeckel ou Flammarión, recordando os soberbos trabalhos científicos dos grandes investigadores, vivendo nas suas leituras as etapas mais importantes da sublime evolução do Universo, a mocidade, ora cai em extase, inclinando toda a sua fina admiração para a magnificência das belezas naturais, ora explode o seu extraordinário contentamento, que manifesta briosamente, através dum entusiasmo exuberante pela vida, pela grandiosidade da vida.

A mocidade aos vinte anos saboreia a Vida!

Oh! Que estranhável melancolia se apodera quando os últimos raios do sol deslizam suavemente no horizonte e desaparecem, e dão lugar á visibilidade das primeiras estrelas — outros mundos que se destacam do azul maravilhosos do infinito.

Por momentos as ideas abalam, o pensamento, qual fogoso corcel, sonda longíquas paragens inhóspitas e só os olhos firmes, atentos, pretendem fundir os milhares de luzes que tão longe cintilam.

Sente o desejo de perscrutar, de adivinhar através da incandescência dos milhares de corpos que rolam no espaço as manifestações de vida que sabe existirem, compreender a rigidez das leis que os mantêm indefinidamente em movimento a uma velocidade imaginável e os obriga a descrever linhas simétricas que o espirito

humano admira, classifica e define. E o pensamento devaneia em inúmeras apreciações que o amanhecer desfaz com o despontar vagaroso dos raios solares que não tardam a aquecerem os cumes das montanhas, depois os campos e então o espirito da mocidade dos vinte anos que protegida pelo seu calor, discute, barafusta, idealiza: goza a vida.

Ramiro Farinha.

PAULO DO NASCIMENTO

COM

TRANSPORTES EM CAMIONETTES
PARA TODOS OS PONTOS DO PAÍS

R. Casas de Trabalho, 81, 1.^o
AJUDA — LISBOA

FOOTBALL

Jogou-se no passado dia 16, a final do torneio para disputa da taça «Domingos Gonçalves», entre as 1.^{as} categorias do Restelo Football Club e Grupo Atlético «O Relampago», saindo este vencedor por 9 bolas a 3.

— Também no mesmo dia, o grupo de honra do Sporting Club Boa-Hora se deslocou a Almada, jogando, no campo do Ginásio Club do Sul, com o Estrela, daquela localidade.

O grupo ajudense saiu vencedor por 5 bolas a 2.

CLINICA DENTARIA

Afra da Cosia

CIRURGIÃO DENTISTA

DOENÇAS DA BOCA E DENTES

Dentes artificiais — Coróas de ouro

Pontes (bridge work)

Aberto das 10 às 12 e das 14 às 20 horas

INSTALAÇÃO PROVISÓRIA

C. da Ajuda, 183, 2.^o — LISBOA

Instrução

No nosso último número focámos este assunto, chamando para êle a atenção de todos os ajudenses em geral, e em especial a do ilustre Director Geral da Instrução Primária, Ex.^{mo} Sr. Dr. Braga Paixão.

Hoje, voltamos a falar em tão melindroso caso, pois está perto a abertura das escolas, julgando nós muito oportuno continuar a nossa campanha em prol do desenvolvimento cultural.

Ociosos se torna enumerar as vantagens que advêm da multiplicação das escolas e consequentemente da extinção do analfabetismo.

Frizámos já o desenvolvimento proporcional da nossa freguesia, e, por tal facto, pedimos a criação de mais escolas, sem indicarmos onde elas deviam funcionar.

Certamente que poucos edificios estão actualmente construídos com as condições necessárias, como o belo edificio que para escola se encontra construído no Bairro Economico e que o público diz ser destinado á Escola feminina que funciona na Rua do Calhariz. Se assim fôsse, poder-se-ia crear mais uma Escola masculina onde funcionava antigamente aquela.

No caramão da Ajuda, consta-nos que os habitantes também ofereceram, ou pensaram oferecer, terreno ou prédio, para ali se instalar uma Escola.

Com estas relativas facilidades de adaptação, provisória, porque se deixa á mingua do pão do espirito, tantos pequeninos que amanhã, quando homens, nos poderão olhar com rancôr, por não lhe termos preparado convenientemente o futuro?

Sabemos bem que a situação economica não permite desperdícios de dinheiros públicos, mas sabemos também que o desenvolvimento cultural se vai tornando tão intensamente necessário como a roupa que vestimos.

N. R. — A Escola, construída no Bairro Economico da Ajuda, e que demoradamente visitámos, puz ue todas as condições actualmente exigidas pelos melhores pedagogos, e oxalá todas as da Ajuda e de todo o País se lhe pudessem igualar.

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}



PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Varbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

Mercearia, Carvoaria e Vinhos

DE

ALBERTO RIBEIRO DE CARVALHO

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Vinhos finos e de pasto, das melhores regiões

C. da Ajuda, 184 a 186-A — LISBOA — R. da Torre, 6 a 10

Trabalhos tipográficos e encadernações em todos os géneros
Artigos de papelaria e escolares. Objectos para escritório.

GRAFICA AJUDENSE

Calçada da Ajuda 176-LISBOA-Telef. B. 329

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

PELA INDIA PORTUGUESA

O «Diário de Notícias» n.º 24.589, de 18 de Julho último, sob a epígrafe «Um grande roubo», abordou o assalto ao convento do Bom Jesus, situado na antiga cidade Velha Gôa.

A noticia foi transmitida da vizinha cidade de Bombaim e é um tanto ou quanto lacónica, o que não é para admirar porquanto, propriamente nesta cidade de Nova Gôa, capital do Estado da India Portuguesa, que dista uns 8 quilómetros do local onde foi praticado o audacioso roubo, ainda se não esclareceu a opinião pública de como este foi praticado, a quanto monta o seu valor, nem mesmo se sabe os nomes de todos quantos colaboraram nessa audaciosa façanha.

No convento em questão, foi creado um museu, para nêles serem expostas todas as ofertas feitas a São Francisco Xavier, que o culto católico apresenta como sendo santo. E o caso é que tal nome gosa de tal prestígio que, católicos, protestantes e hindús, têm por São Francisco Xavier uma veneração tal que, anualmente, o túmulo, onde êle se encontra encerrado, é visitado por mil ares de pessoas.

Geralmente, de 10 em 10 anos, o corpo de São Francisco Xavier é retirado do túmulo e exposto durante algumas semanas; a esta cerimónia concorrem um maior número de visitantes, vindos das partes mais reconditas de toda a Asia, chovendo oferendas de todos os lados, muitas delas de grande valor.

Em 20 de Junho do ano corrente, os jornais que aqui se publicam, deram a seguinte e sensacional noticia:

Houve um roubo audacioso no convento do Bom Jesus, verificando-se a falta de valores na importancia de 50 mil rupias.

Convém esclarecer que a importancia do roubo, transferida para escudos, representa a bonita soma de 400.000.

Calculará o leitor, não só pela elevada cifra a que monta o roubo, mas

SONHO DESFEITO

(Continuado da 5.ª página)

mesmo sorriso amargo no rosto, como querendo mostrar, com êle, quão amarga lhe fôra a existência.

Não chorou. Nem sequer os olhos se lhe humedeceram. Chorar para quê? De que lhe serviria chorar? E demais, ella já não tinha coração para sentir a fatalidade que, segundo o seu modo de ver, a tinha acompanhado sempre. Já não estranhava. Nenhum dos seus sonhos de felicidade se tinham realizado. Tudo se tinha conjugado para a contrariar. Por isso vivia já sem alento, sem força para lutar contra o destino, alheia a tudo quanto lhe succedia...

O tempo ia passando e a pobre costureira vivia como aturdida, sentia uma falta, um vácuo, uma tristeza infinita ao vê-se pobre e so no mundo. E quantas vezes ficava horas e horas a sonhar, a pobresinha.

Mas os sonhos agora já não eram com palácios, rendas e sedas; já não eram com apaixonados e violas; já se não via na opulência do seu sonho; via-se na mais cruel pobreza, sem arrimo, sem ninguém que lhe pudesse inculcar alguma esperança na vida. E nêstes momentos acudiam-lhe ao pensamento os poucos momentos de relativa felicidade que o marido lhe proporcionara e a negra ingratição com que lhe pagara. Agora ninguém com ella se importava. Amigos julgava que os tivera, quando o seu homem era vivo, quando havia pão na sua mesa. Agora todos a abandonavam porque tinha fome. Até os próprios móveis pouco a pouco dela se despediram, porque tinha que os vender para prover ao seu sustento.

Ainda assim lutou pela vida enquanto

pôde. De dia costurava e de noite fazia o arranjo da casa e descansava da labuta da vida.

Um dia, porém, encontrara-se também doente. Se com saúde não ganhava o suficiente para se manter, com a doença ainda menos. E mais uma vez pensou na falta que lhe fazia o seu marido e quasi se arrependera de o não ter estimado como era seu dever. Quem sabe até se fôra o seu desdém a maior causa da sua morte. É certo que não era o apaixonado dos seus sonhos; não era rico nem instruido, não era bonito nem lhe tinha proporcionado o que ella ambicionara, mas fôra sempre bom para ella e tinha sido — sentia-o agora — o único amigo sincero que tivera na vida.

As forças faltavam-lhe dia a dia. Não pôde resistir mais. Deu entrada num hospital mas pouco tempo ali esteve porque a doença que a minava era daquellas que nunca perdoam. Alguns meses depois encontrava-se descançado eternamente no mesmo cemitério e, por casualidade, muito próximo do único ente que a tinha amado.

Era fatal! O tronco morrera, a rama emurhecera e morrera também.

Aquele que em vida ella julgara sem valor, fôra, mesmo assim, o tronco forte que a amparara, fôra o único esteio, o único arrimo que a ajudara a suportar as fadigas da existência nos seus multiplos aspectos.

Pobre costureirinha... Sonhara sempre...

Mas há que perdoar-lhe, se é crime sonhar. Quem poderá viver sem sonhar, um dia só que seja?

Eu julgo até que a vida é um comprido sonho que só termina na sepultura...

ainda pelo grande prestígio que São Francisco Xavier gosa por estas paragens, o alvoroço que causou tal noticia.

A Policia e a Justiça trataram de se pôr imediatamente em campo, no sentido de descobrirem o autôr ou autores de tão importante proeza e de recolherem o roubo, no todo ou em parte.

Em 25 do mesmo mês de Junho, a imprensa local publica um suplemento, dando a noticia de que o ladrão já tinha sido descoberto e preso, que o seu nome era Reinholds, o mesmo que meses antes tinha tomado parte no assalto à igreja de Santa Cruz, muito próxima também da capital.

Entretanto o «Diário da Noite» começa a dar o sinal de alarme, pois se lhe afigura que o roubo praticado no

convento de Bom Jesus, não podia ser obra de um ladrão apenas.

As circunstâncias em que se dera o assalto ao convento, levava a acreditar, segundo opinião do «Diário da Noite», na existência de um ou mais ladrões de fóra e de outros tantos ladrões de dentro, o mesmo era que dizer que os que tinham agido constituíam uma autêntica quadrilha de bandoleiros.

Terá razão o «Diário da Noite»? Até à data, ninguém foi capaz de pôr o caso a claro, razão porque julgamos encontrar certo fundamento no que se tem dito neste jornal.

Como o assunto tem tido grande retumbância, no próximo artigo diremos mais alguma coisa.

Agostinho António.

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 — Telefone B. 427

LISBOA

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGÉNIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA Telef. B. 469

Salão PORTUGAL

T. da Memória — Ajuda — Telef. B. 124

Sábado, 29 e Domingo, 30 — Os soberbos filmes **ESPIÕES, UMA RAPARIGA FELIZ e UMA HORA**

Domingo, 30, em matinée — O **COFRE MISTERIOSO, UMA RAPARIGA FELIZ e UMA HORA.**

Segunda-feira, 1 — As magnificas super-produções **PIMENTA E MAIS PIMENTA e REI DOS POLICIAS**

Quarta-feira, 3 e Quinta-feira, 4 — O **GRITO SELVAGEM**, com Eddie Cantor, e **CIGANOS DA NOITE.**

Sexta-feira, 5 — Matinée e Soirée com os belos filmes **O VAGABUNDO**, com Al Jolson, e **O TEU AMOR E UMA CABANA.**

Sábado, 6 e Domingo, 7 — **A NOITE É NOSSA**, com Frederic March e Silvia Sidney, e outros filmes.

Dia 8 — Uma estreia sensacional.

Quarta-feira, 10 e Quinta-feira, 11 — **AS NAVES DO TERROR**, e outras grandes produções.

Sábado, 13 e Domingo, 14 — O sensacional filme com Carlos Gardel **A MASCARA ENCANTADA**, e outros filmes de grande classe.

Cinema PALATINO

R. Filinto Elísio — Telef. B. 99

Domingo, 30: Exibição dos magnificos filmes

PIMENTA E MAIS PIMENTA

E

O COFRE MISTERIOSO

Segunda-feira, 1: O soberbo filme

Vou contigo à estratosfera

e o drama policial

O Rei dos Polícias

Sexta-feira, 5: Em Matinée e Soirée

A Alegria de Viver, com JANET GAYNOR

E

O Bandido Mascarado, com J. MOJICA

Dia 8 — **UMA ESTREIA SENSACIONAL**

Aparelhagem sonora KLANGFILM TOBIS, ultimo modelo, propriedade da Empresa, de grande pureza e nitidez de som

FESTEJOS NA AJUDA

Começam hoje no quartel da 5.^a Companhia da G. N. R., a exemplo dos anos anteriores, grandiosos festejos comemorativos da implantação da República.

O illustre comandante desta Companhia, Ex.^{mo} Sr. Capitão Francisco Augusto da Cunha, a quem o povo da nossa freguesia está muito grato pelas noites de distracção que lhe vai proporcionar, ampliou no presente ano o programa dos festejos, para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores:

Sábado, 29 — A's 18 horas, inauguração dos festejos e abertura da quermesse; às 20 horas, baile ao ar livre; às 24 horas, elevação de um aerostato, com fogo de artificio.

Domingo, 30 — A's 14 horas, continuação dos festejos; às 14,30 horas, distribuição de um bodo aos pobres, abertura da quermesse, tiro ao alvo e outros divertimentos; às 20 horas, baile ao ar livre; às 24 horas, elevação de um aerostato, com fogo de artificio.

Nos dias 1, 2, 3 e 4, os festejos principiam às 18,30 h., havendo, às 20, baile ao ar livre.

Sexta-feira, 5 — A's 6,30 horas, alvorada executada por todos os corneteiros da companhia; às 10,30 horas, cerimonia do hastear da bandeira nacional, a que assistirá a companhia toda em formatura geral; às 14 horas, reabertura da quermesse e outros divertimentos; às 17 horas, jantar de confraternização das praças da companhia com as praças das unidades da guarnição de Belém; às 20 horas, baile ao ar livre; às 24 horas, e elevação de um aerostato com fogo de artificio.

Sábado, 6 — A's 18,30 horas, continuação dos festejos; às 20 horas, baile ao ar livre.

Domingo, 7 — A's 14 horas, reabertura dos festejos; às 16 e às 20 horas, baile ao ar livre; às 24 horas, elevação de um aerostato.

JOÃO MENDES

Vinhos recebidos directamente de Torres Vedras, das melhores quaidades

TABACOS

ANTIGO ARMAZEM DA MEIA NOITE

Calçada da Ajuda, 136 e 138 — LISBOA (à esquina da Travessa da Boa Hora)

Laboratorios FARMACIA SILVA

Director técnico: JOÃO ALVES DA SILVA, Farmaceutico pela Escola de Lisboa

25, Rua dos Quarfeis, 27 — LISBOA — Telef. B. 377

Empolas de todos os medicamentos injectaveis

Serviço de pensos esterelizados para OPERAÇÕES E PARTOS

Depósito geral dos PRODUTOS LASIL:

Xarope Tiocol «Lasil» — Empregado contra tosses rebeldes e infecções pulmonares.

Cinacol, empolas — Medicação artificial, indolor, para o bacilo de Kock.

Antinevralgino, comprimidos — Nevralgias, dores de cabeça e dentes, constipações, insónias por excesso de trabalho, etc.

Balsamo Analgesico «Silva» — Empregado no tratamento do reumatismo, gôta, contusões, etc.

Calcio «Lasil», empolas e gôtas, medicamento calcico, injectavel.

Xarope «Peitoral de Cereja», de composição inteiramente vegetal, calmante das secreções bronquiais.

Quinisina Lasil, empolas — Pneumonias, bronquites, bronco-pneumonias, gripes, etc.

Sais de Frutos Lasil — Doenças de fígado, estômago, prisão de ventre, vertigens, dores de cabeça, etc.

Soros, sédas, catgut, drenos, crinas, laminarias, algodões, gazes, compressas, tãmpões, ligaduras, etc., etc.

CONSULTAS MÉDICAS DIARIAS

pelos Ex.^{mos} Srs.

Dr. Virgilio Lopes de Paula — às segundas, quartas e sextas-feiras, às 14 horas.

Dr. João Pedro de Faria — às segundas, quartas e sextas-feiras, às 10 horas.

Dr. Julio de Carvalho — às terças, às 9 h.

Dr. Schiappa Monteiro — às terças, quintas-feiras e sábados, às 14,30 horas.

Dr. Manuel de Lucena — às terças-feiras às 16 horas

Dr. Manuel Henriques Leitão — Todos os dias às 18 horas.

Avia-se receituário de todas as Associações

SERVIÇO NOCTURNO A'S QUINTAS-FEIRAS

Especialidades nacionais e estrangeiras